

ENSAIO/ESSAY

EXPERIMENTAÇÕES NA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Carlos André Moreira

Jornalista, escritor e tradutor

RESUMO: Este ensaio examina a amplitude estética e formal da crônica de Luis Fernando Verissimo, destacando o modo como o autor explora a elasticidade e a liberdade proporcionadas pelo gênero para realizar experimentações estruturais, temáticas e estilísticas. Partindo de definições clássicas da crônica brasileira, o texto demonstra como Verissimo estabelece seu estilo próprio ao combinar humor, paródia, intertextualidade e observação social, transitando entre pequenas ficções, sátiras de discursos institucionais, reescrituras culturais e comentários político-sociais. Ao longo de cinco décadas, Verissimo praticou uma crônica na qual explorou como poucos a liberdade composicional, em que a forma se torna espaço privilegiado para o improviso controlado e para a invenção narrativa.

Palavras-chave: Crônica brasileira; Luis Fernando Verissimo; literatura, humor; paródia; experimentação formal; narrativa breve; intertextualidade.

ABSTRACT: This essay examines the aesthetic and formal breadth of Luis Fernando Verissimo's chronicle writing, highlighting how the author exploits the elasticity and freedom inherent to the genre to carry out structural, thematic, and stylistic experimentation. Drawing on classical definitions of the Brazilian chronicle, the study demonstrates how Verissimo establishes a distinctive style by combining humor, parody, intertextuality, and social observation, moving fluidly among short fictional narratives, satires of institutional discourse, cultural rewritings, and socio-political commentary. Over five decades, Verissimo cultivated a mode of chronicle that explored, with uncommon mastery, the compositional freedom through which form becomes a privileged space for controlled improvisation and narrative invention.

Keywords: Brazilian chronicle; Luis Fernando Verissimo; literature, humor; parody; formal experimentation; short narrative; intertextuality.

Mesmo presente na imprensa brasileira há mais de 150 anos, a crônica ainda é um objeto fugidio que parece desafiar definições muito rígidas. O que não impediu

muitos de tentar. Em 1976, Afrânio Coutinho, em sua *Introdução à Literatura no Brasil*, falava sobre o vibrante desenvolvimento que o gênero havia tido em seu enraizamento no Brasil, e fazia o seu elogio como uma criação original e específica:

A crônica é um gênero literário que tem assumido no Brasil, mormente no século presente, além da personalidade de gênero, um desenvolvimento e uma categoria que fazem dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo, a ponto de ter induzido Tristão de Ataíde a criar o termo ‘cronismo’ para a sua designação geral. Realmente, se algo existe em nossa literatura, que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e linguística, é a crônica.¹

Massaud Moisés também salienta, em seu *A Criação Literária*, publicado originalmente em 1967, o fato de a crônica, embora tão estrangeira quanto qualquer outro gênero literário tradicional, ter passado por uma transformação tão peculiar e própria no Brasil a ponto de ser muitas vezes definida como um tipo de composição essencialmente brasileiro:

A crônica nasceu no jornal e para o jornal. Embora originária na França, a crônica se modifica no Brasil, o que levou alguns estudiosos a defenderem a cidadania brasileira da crônica como é feita nos dias de hoje. O cronista reage imediatamente ao evento em questão, sendo que, quanto à técnica empregada, oscila entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial e a recriação do cotidiano por meio da imaginação².

Já Antonio Candido, em um artigo breve composto para servir de introdução ao quinto volume da coleção *Para Gostar de Ler*, da editora Ática, criou algumas definições até hoje repisadas em qualquer discussão superficial do gênero, como a característica de ser um tipo de literatura voltada a ampliar as miudezas da vida, com uma linguagem leve, coloquial e graciosa, e ao mesmo tempo um tipo de texto que “não tem pretensões a durar”³. No mesmo artigo, Candido insiste no caráter pouco solene da

¹ COUTINHO, Afrânio. “Crônica”. In: _____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.304

² MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994. p.105.

³ CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-29. Depois da primeira publicação do texto, datada originalmente de 1980 (“A vida ao rés do chão”. In: _____. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980 [Vol. 5]), o texto foi usado como introdução em uma coletânea de textos acadêmicos sobre o gênero produzida por diversos autores (*A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992) e mais tarde seria incorporado ao volume de ensaios *Recortes*, do próprio Candido. Podemos concluir que Candido, com este prefácio ligeiro para uma coletânea escolar, “acertou na veia”, já que, como lembra o pesquisador e professor William Moreno Boenavides, as três versões do texto são idênticas: “Assim, se por um lado devemos considerar o fato de o texto ter sido produzido como introdução a uma coletânea escolar, não tendo, portanto, o caráter de estudo mais aprofundado que outros trabalhos do autor possuem, por outro lado podemos considerá-lo uma visão pronta de Candido sobre o gênero, haja vista suas republicações e a ausência de comentários seus em

crônica, mas reconhece a natural despreensão do gênero como uma espécie de molde maleável que se ajusta na forma e no conteúdo à experimentação livre dos seus autores:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição⁴.

Davi Arrigucci Jr., ao pensar o gênero, vai listar elementos reforçando o caráter da crônica como um texto de abordagens múltiplas e metamorfoses constantes:

...às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo. Outras vezes, a tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente: ela pode se confundir com o conto, a narrativa satírica, a confissão. Outras ainda, como em tantos casos conhecidos, constituem um texto difícil de classificar: é... crônica⁵.

Ou seja, analisando várias definições já ensaiadas sobre a crônica, torna-se evidente que a verdadeira empreitada na compreensão do gênero não é dizer o que ele é, mas abarcar tudo aquilo que ele *pode ser*.

Verissimo e a crônica

Jornalista, escritor, chargista, músico e – acima de tudo, diria ele – torcedor colorado, Luis Fernando Verissimo exerceu o ofício de cronista de imprensa por cinco décadas. Nascido em 1935, em Porto Alegre, filho de um gigante das letras nacionais, Erico Verissimo, demorou a encontrar sua voz e vocação literária, tendo vivido parte da juventude nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro, e transitado por vários ofícios, como artista gráfico, redator publicitário, tradutor, revisor e copidesque. Trabalhando no jornal

contrário” (BOENAVIDES, W. M. A materialidade da crônica: dialética da vida ao rés-do-chão. *Nau literária: crítica e teoria em literatura portuguesa*, v. 16, n. 2, 2019, p. 160-185. Acessível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/102665/56923> - acesso em 21 fev. 2026). Para fins deste ensaio, usamos o texto da coletânea *Recortes* por se tratar da edição que temos.

⁴ CANDIDO. Op. cit. p. 23.

⁵ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1987. p. 6-9. Pode ser acessado no MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994. p.105,

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. In: _____. Op.cit.

CANDIDO. Op. cit. p. 23. Ver também: *Portal da Crônica Brasileira*, no endereço <https://cronicabrasileira.org.br/artes-da-cronica/15103/fragmentos-sobre-a-cronica> (Acesso em: 18 mar. 2026).

gaúcho *Zero Hora* desde 1967, estreou como cronista em 19 de abril de 1969, um sábado, substituindo o titular Sérgio Jockyman (1930-2011)⁶, então em férias, no espaço publicado na seção Informe Especial. Agradou tanto que naquele mesmo ano ganharia espaço próprio como colunista. Já tinha mais de 30 anos.

Seu primeiro compilado de crônicas, *O Popular*, foi lançado em 1973, pela editora José Olympio. Seguiram-se mais de 80 livros nos 50 anos seguintes, uma contabilidade bastante complexa porque nas últimas décadas de sua vida não apenas sua editora refez novas coletâneas misturando o que havia sido já publicado em livros anteriores como foram publicadas antologias variadas elaboradas por terceiros abordando aspectos diversos de sua obra.

Diferentemente de muitos outros escritores que ocuparam as páginas de jornais e revistas com textos periódicos, mas que tinham o centro de seu trabalho em outros gêneros, como a poesia e o romance, Verissimo sempre foi mais conhecido e reconhecido como “cronista”, embora tenha se aventurado por outras expressões como a charge e o romance.

Famoso pelo temperamento reservado e pela timidez que tornou uma espécie de marca pessoal⁷, Verissimo declaradamente não era muito afeito a fazer ele próprio reflexões acadêmicas sobre seu trabalho, mas é possível encontrar comentários do escritor em entrevistas que permitem vislumbrar sua visão estética. Em entrevista ao autor deste artigo publicada originalmente no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e republicada recentemente no blog do projeto literário *Admirável Mundo Livro*, Verissimo declarava que seu entendimento da crônica não passava pela tentativa de identificar características intrínsecas ao gênero, mas sim suas condições de produção, atreladas ao preenchimento de um “espaço” nas páginas de seja lá qual publicação abrigue o texto do cronista:

Essa é a velha questão, o que é crônica, exatamente, quando é que deixa de ser crônica e passa a ser um pequeno conto, por exemplo. Mas acho que o cronista não deve se preocupar com isso. Ele tem aquele espaço que tem que preencher, que pode preencher teoricamente com o

⁶ O texto de estreia de Verissimo foi reproduzido em *Zero Hora* por ocasião de seus 50 anos de atividade como cronista, e pode ser lido na versão online de ZH neste endereço: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/09/luis-fernando-verissimo-50-anos-de-cronica-ck10pwklu009101r2b8rfqnj.html> (acesso em 17 fev. 2026).

⁷ Sobre isso, Verissimo escreveu em sua crônica *Da Timidez*: “Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe”. (VERISSIMO, Luis Fernando. *Verissimo antológico: meio século de crônicas ou coisa parecida*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2020. p. 236.

que ele quiser, inclusive com uma ficção, e ele não deve se preocupar muito com o que está falando. É o gênero crônica, e ali cabe o que o autor quiser. A gente se aproveita dessa indefinição como forma de liberdade⁸.

Verissimo já havia elaborado raciocínio semelhante em um texto, composto como introdução a uma nova edição de *O Nariz e Outras Histórias* (1994).

A discussão sobre o que é, exatamente, crônica, é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa interessa aos estudiosos da literatura, assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha, interessa aos zoólogos, geneticistas, historiadores e (suponho) ao galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você

Eu me coloco na posição da galinha. Sem piadas, por favor. Duvido que a galinha tenha uma teoria sobre o ovo ou, na hora de botá-lo, qualquer tipo de hesitação filosófica. Se tivesse, provavelmente não botaria o ovo. É da sua natureza botar ovos, ela jamais se pergunta: “Meu Deus, o que eu estou fazendo?”. Da mesma forma o escritor diante do papel em branco (ou, hoje em dia, da tela limpa do computador) não pode ficar se policiando para só “botar” textos que se enquadrem em alguma definição técnica de “crônica”. O que aparecer é crônica⁹.

Em outro trecho da mesma entrevista citada anteriormente, Verissimo, ao apontar aquele que considerava como o grande cronista no Brasil, revelava um pouco de como enxergava o potencial do gênero:

Dentre todos esses nomes mais clássicos da crônica brasileira, eu gostava mais do *Antônio Maria*. Ele era justamente o que aproveitava mais a liberdade que a crônica dava, fazia humor, fazia uma coisa mais lírica, algo mais profundo. Ele inventava vários motes de fazer crônica. Ele tinha o que chamava de “romance do pequeno anúncio”. Pegava um pequeno anúncio de jornal, como alguém que estava vendendo o fogão, e inventava uma história em cima daquilo.¹⁰

Está aí, nas palavras dele próprio, uma das mais precisas e acuradas “filosofias da composição” sobre a obra de Luis Fernando Verissimo, um escritor que fez de suas colunas na imprensa espaços de ampla e irrestrita experimentação em nome do humor e do prazer da leitura. Esta, aliás, é uma das grandes peculiaridades de Verissimo no plano geral da crônica no Brasil. Enquanto muitos cronistas, mesmo seus contemporâneos, como Rubem Braga, Drummond, Paulo Mendes Campos aventuravam-se vez por outra no humor sutil ou numa galhofa muito eventual, claramente suas crônicas filiavam-se à linhagem lírica que busca plasmar um instante de beleza no meio das notícias do dia.

⁸ VERISSIMO. Luis Fernando: “Luis Fernando Verissimo analisa sua obra completa”. Entrevista a Carlos André Moreira. *Blog Admirável Mundo Livro*, 31 ago. 2025 (Acessível em <https://admiravelmundolivro.wordpress.com/2025/08/31/luis-fernando-verissimo-analisa-sua-obra-completa/>). Acesso em 12 mar. 2026). Escolhi citar neste ensaio a republicação no blogue porque, em flagrante desrespeito aos direitos autorais, a versão original ainda no ar no site de *Zero Hora* não traz mais o nome do entrevistador e autor da matéria, devido às incontáveis inconsistências técnicas acumuladas na versão online do jornal.

⁹ VERISSIMO, Luis Fernando. “Crônica e ovo”. In: _____. *Verissimo antológico: meio século de crônicas ou coisa parecida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. p. 342

¹⁰ VERISSIMO. Op.cit. 2025.

Verissimo encarou a crônica como um projeto no qual cabiam múltiplas técnicas e abordagens, mas quase sempre a serviço do humor em todas as suas formas. Sutil, irônico, galhofeiro, sarcástico. Essa versatilidade de abordagens sem perder de vista o riso é uma das explicações para a popularidade e a longevidade de Verissimo na linha de frente da crônica nacional.

Discursos e paródias

A maior parte do trabalho de Verissimo se alicerça em pequenas ficções, breves narrativas em que tipos urbanos convivem e encenam dramas exagerados, situações absurdas e trapalhadas hilárias. Muitas delas se estruturam em forma de diálogos com poucas rubricas de identificação. Algumas, como “O trapezista”, experimentam contar toda a história tendo apenas um lado do diálogo, já que o personagem da crônica tenta dar explicações ao telefone para a mulher após aparecer festejando o Carnaval em uma fotografia publicada na capa de um jornal.

Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo tumulto da minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos, que não era eu naquela foto de Carnaval no “Cascalho” que saiu na *Folha da Manhã*. O quê? Alô! Alô! Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer... Ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar, mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga!¹¹

Sendo essa a principal vertente do trabalho de Verissimo, optamos por neste texto ensaiar cortes que abranjam outras vertentes nas quais o autor aproveita a liberdade que o espaço em branco a ser preenchido pelo compromisso periódico da crônica para voar em direções mais inusitadas.

Em muitas das narrativas breves que se assemelham a contos humorísticos, a habilidade de Verissimo para narrar os fatos e organizar os episódios, bem como a naturalidade cômica de seu diálogo são o segredo da comicidade. Em textos que fogem da norma tradicional das pequenas narrativas, parte substancial dos efeitos humorísticos podem ser encontrados no contraste entre forma e conteúdo. Assim, são várias as suas crônicas que se constituem em uma paródia de formatos já bem conhecidos e disseminados, promovendo torções inesperadas pelo absurdo do que narra e pela forma como narra.

¹¹ VERISSIMO, Luis Fernando. “O trapezista”. In: _____. *Verissimo antológico: meio século de crônicas ou coisa parecida*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2020. p. 17.

Em “Dia de confraternização” essa distorção é aplicada sobre o discurso corporativo. Estruturada como um e-mail de uma instância gerencial de uma empresa para o conjunto de seus funcionários, recapitula os “desagradáveis acontecimentos” ocorridos na última edição do evento que dá título à crônica. O texto começa com uma reprodução precisa da lenga-lenga de departamentos de recursos humanos:

Como é do conhecimento de todos, esta empresa realiza anualmente o seu Dia da Confraternização, uma oportunidade para colegas de trabalho e seus familiares se reunirem num ambiente de conagração, descontração e sadio companheirismo.¹²

O humor surge do contraste entre o tom consistente de relatório burocrático e a narração de uma escalada de acontecimentos fora do controle que traduzem, de modo cômico, disputas internas na estrutura corporativa da empresa – com indícios da luta de classes emergindo no cenário. O homem do Departamento Jurídico que se oferece para apitar um jogo entre o setor de Recursos Humanos e o da Manutenção é agredido fisicamente ao marcar um pênalti em benefício da turma do RH. Num jogo com o setor de Contabilidade, o pessoal do Almoxarifado persegue violentamente em campo o responsável pelos pagamentos. O presidente da empresa tenta falar e é calado na base de vaia por uma turba de funcionários famintos esperando pelo churrasco servido tardiamente.

Outro discurso satirizado por Verissimo é o jurídico, em crônicas como “Errarum”, estruturada toda em um modelo comum a muitos outros textos do autor: um diálogo sem marcação ou identificação dos falantes. Em uma corte jurídica, oito homens se perdem em citações de latim e na discussão inútil sobre como provar que há de fato oito pessoas na sala antes de qualquer coisa. Quando chegam enfim a um consenso, percebem que estarem em número par levaria a um empate antes de sequer iniciar o julgamento

- Data venia. Excelência, há a possibilidade de empate.
- Comus?
- Se quatro votarem a favor e quatro contra, empatamos sumus.
- E mutatis mutandis?
- Dá no mesmo.
- Proponho que se discuta o conceito de quatro a quatro dar empate à luz do Direito Constitucional
- (Duas horas depois)
- Estamos de acordo que quatro e quatro são iguais. Ergo, se der empate, estaremos no que Pontes de Miranda chama de in matus sin canis¹³.

¹² VERISSIMO, Luis Fernando. “Dia de confraternização”. Op. cit., 2020. p. 44.

¹³ VERISSIMO, “Errarum”. Op. cit., 2020. p.370.

O texto foi originalmente publicado em *Zero Hora*, em 1993. A sátira à cultura bacharelesca do Judiciário, embora tenha uma camada de significado aberta apenas a um leitorado mais restrito, com conhecimento dos meandros da Justiça (incluindo o nome do luminar da área Pontes de Miranda), se faz compreender por todos pela forma precisa como o texto caricatura elementos associados pelo grande público a uma sessão judiciária: desvio do fundamental por longos debates formalistas bizantinos e citações de um latim selvagem e sem freios. Não importa muito que a cena já parta de uma premissa impossível, uma vez que tribunais costumam se organizar em números ímpares ou impedir o condutor da sessão de votar para evitar essa exata circunstância prevista na crônica. O curioso é pensar que, com a popularização dos canais a cabo que transmitem julgamentos em tempo real, é bem possível que o texto seja mais bem compreendido – e faça rir a mais gente – hoje do que em sua época de publicação.

As paródias de Verissimo não se restringem a modelos prontos do mundo real, mas a estruturas bastante reconhecíveis do mundo da ficção. Talvez um dos estilos mais parodiados por Verissimo ao longo de toda sua carreira seja o da narrativa de mistério em seu múltiplo número de vertentes. Não apenas um de seus personagens de maior sucesso, Ed Mort, é uma paródia sarcástica dos detetives durões e de vida desajustada criados pelos clássicos do romance *hard-boiled* americanos, como Raymond Chandler, Dashiell Hammett ou Mickey Spillane, como também o modelo clássico do policial à inglesa foi muito retrabalhado pelo humor de Verissimo. “Policial inglês”, um dos textos de sua primeira década de carreira, já invertia as expectativas do leitor ao apresentar uma paródia ao estilo Agatha Christie em que a narrativa de crime deixava as páginas de um livro para se manifestar no mundo da personagem que o lia.

O inspetor examinou o livro deixado sobre a almofada. No fim da página 141, lady Agatha ameaçava contar tudo sobre o lorde aos jornais. O inspetor virou a página. A página 142 começava com o inspetor Forthright perguntando para o mordomo, enquanto examinava o livro deixado sobre a almofada:

— Tem certeza que ele não voltou para esta cadeira?¹⁴

Em outro texto, “*Monsieur Dupin*”, Verissimo diverte-se imaginando um encontro entre diferentes arquétipos do romance policial na cena de um crime que evoca um problema clássico do gênero, o “mistério do quarto fechado”, no qual um homem é morto em um aposento em que, aparentemente, o assassino não poderia ter entrado ou saído. Como o título já denuncia, um dos investigadores presentes é o Dupin de Edgar Allan Poe, considerado fundador do gênero, mas há espaço também para uma sátira à

¹⁴ VERISSIMO. Op. cit., 2020. p.22.

Miss Marple de Agatha Christie na figura de Miss Grumpy, “velha detetive amadora inglesa,” e aos detetives durões ao modelo americano na pessoa do investigador MacGraw. O mistério se desenrola muito rápido, a solução é apresentada na metade da crônica, que se encerra, no final, como uma espécie de meta-comentário ao policial como gênero e aos detetives como modelo em cada vertente do estilo:

Mais tarde, num bar, MacGraw protestou contra a eficiência de Dupin.

— Foi tudo rápido demais — disse MacGraw, truculento como todo americano. Ele já se imaginava perseguindo suspeitos em loucas corridas de carro pela cidade, e arrancando confissões a soco, entre epigramas cínicos. Não tivera a oportunidade nem de descarregar sua arma. Dupin estragara tudo.

Miss Grumpy também protestou. Excêntrica como todos os ingleses, já começara a desenvolver uma teoria para explicar o pescoço cortado dentro do quarto fechado, algo envolvendo um sagui treinado entrando pelos tubos de ventilação com uma lâmina entre os dentes, para resolver um problema de herança, a ser desenvolvida em vários capítulos. Mas Dupin estragara tudo.

Como Dupin chegara à solução tão rapidamente? A solução, disse Dupin, estava no relato, não no fato. Se algo era inexplicável, a explicação é que era suspeita. Se o relato fosse verdadeiro, só a metafísica explicaria que um assassino se materializasse dentro de um quarto fechado, cometesse seu crime e depois desaparecesse sem tocar nas fechaduras. E toda metafísica, sustentou Dupin, tem por base uma história mal contada.

— *Le texte, toujours le texte* — disse Dupin, cartesiano como todos os franceses.¹⁵

Político, datado, mas contundente

Embora sempre tenha sido político, em certa fase de sua carreira, Verissimo se tornou mais diretamente partidário, em falta de melhor palavra. É bem conhecida a fase nos anos 1990 em que seu trabalho era uma das principais plataformas críticas ao governo de FHC. Como nesta crônica de 1997:

O presidente nos assegura que não existe mais barganha política no país enquanto barganha-se a céu aberto, como nunca, por tudo. Para não dizer que o presidente da República é um cínico deve-se deduzir que também é uma vítima dos tempos e da confusão semântica. Não sabe mais o que é barganha, clientelismo e fisiologismo e não os reconhece nem sob o seu nariz. Ou então o governo adotou para se inocentar, pelo menos na frente do espelho, o velho adágio de que o fim justifica os meios. À frase ameaça a sobrevivência de qualquer princípio moral no mundo, mas já foi usada para absolver tudo, dos expurgos do Stálin à mão do Maradona. Vale para as alianças de ontem e as chantagens de hoje. E como nada mais quer dizer nada mesmo, é uma desculpa como qualquer outra.¹⁶

Um homem de esquerda, Verissimo também sempre declarou seu apoio ao PT – até certa desilusão com os rumos da atuação do partido no governo, que o levaram a declarar, em 2006, a “morte” da personagem Velhinha de Taubaté, um de seus tipos recorrentes, criado em 1979 para criticar o governo Figueiredo por meio das opiniões crédulas da ingênua velhinha, a “última pessoa a acreditar no governo”. Com os

¹⁵ VERISSIMO, “Monsieur Dupin” In: Op. cit. 2020. p. 144.

¹⁶ VERISSIMO, Luis Fernando. *A versão dos afogados*: novas comédias da vida pública: 347 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 340.

escândalos do Mensalão, o cronista aposentou sua personagem, seja para não precisar usá-la para criticar o partido com que se identificava, seja por alguma intuição de que ela seria inviável depois que a imagem positiva do Partido dos Trabalhadores havia sido arranhada¹⁷.

Verissimo sempre primou por reunir em livro as crônicas que sobreviviam ao apelo imediato do jornal, mas essa fase mais “política” se refletiu no lançamento de coletâneas específicas de seus textos mais políticos – que foram lançadas com o nome bem-humorado de “crônicas datadas”¹⁸ – numa dupla significação de crônicas que trazem as marcas de um tempo anterior quando foram escritas e de crônicas que literalmente trazem a data de composição no fim de cada texto. Mesmo nesse amálgama de textos com um tema direto e reto e totalmente vinculado ao noticiário político de seu tempo, é possível ver as inquietações de Verissimo em busca de variar seus textos de modo a não repetir demais o modelo mais comum desse tipo de crônica, o de uma opinião pessoal do autor veiculada em um texto com recursos humorísticos. Em alguns deles, imagina diálogos entre personagens reais, como o então presidente Fernando Henrique Cardoso em uma reunião com seu vice Marco Maciel após o retorno de uma viagem oficial ao estrangeiro:

Éfe Agá mal podia esperar para contar a Marco Maciel o seu programa em Nova Iorque.
— Quando eu vi, estava batendo com o pé. E tive que me controlar para não sair dançando.
— Mas além do show na Broadway, teve o encontro com o Itamar.
— Eu estou falando do encontro com o Itamar. Foi divertidíssimo. O show, em comparação, foi meio chato. E aqui, como vão as coisas?
— Bem, bem. O Amazonino depôs na comissão dos votos comprados para a nossa reeleição. Disse que não sabia de nada e não conhecia ninguém. Alegou que não conhece nem a si próprio e leva sustos constantes no espelho. Quando perguntaram se ele conhecia o Serjão, disse: “Um magro, puxa de uma perna?” Entrou e saiu nos ombros da cúpula do PFL. Dizem que houve até foguetes.¹⁹

Mesmo nessa compilação assumidamente “datada”, contudo, a verve de Verissimo flagrou muitos elementos que seguem os mesmos três décadas depois, demonstrando o caráter (infelizmente) cíclico da política brasileira, como em sua crônica de 1995 “O centrãozinho”:

¹⁷ “Embora entenda que o governo Lula, principalmente o primeiro mandato, foi muito importante em termos de inclusão social. Mas posso me caracterizar agora como um esquerdista desiludido”. VERISSIMO, Luis Fernando. “Sou um esquerdista desiludido”, diz Verissimo”. Entrevista a Julianna Grajeia. *O Estado de São Paulo*, 16 set. 2016.

¹⁸ Ver VERISSIMO, Luis Fernando. *Crônicas da vida pública*: 366 crônicas datadas. Porto Alegre: L&PM, 1995, reunindo artigos do fim dos anos 1960 até 1995, e VERISSIMO, Luis Fernando. *A versão dos afogados*: novas comédias da vida pública: 347 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 1997, abarcando material de 1994 a 1997.

¹⁹ VERISSIMO. Luis Fernando. “Como vão as coisas?”. In: _____. *A versão dos afogados*: novas comédias da vida pública: 347 crônicas escolhidas. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 333

O “centrão”, apesar da sua retórica antiestatista, menos governo e mais “mercado” etc., não para de crescer e de absorver. Como tem o domínio tranquilo do Congresso, teria todo o direito de delegar tarefas. Terceirizar, como dizem. Assim, encarregaria o PPR ou a bancada ruralista do trabalho pesado da reação explícita e usaria moleques da esquerda para os serviços de oposição, ficando apenas com a função de cobrar resultados e mandar no país. Para manter uma imagem de respeitabilidade, para os dias de festa, o “centrão” tem o PSDB — e o Éfe Agá, um sonho de RP em matéria de fachada — e para o dia-a-dia tem o PMDB. O que mais poderia querer? Mas não. O “centrão” não se contenta com tudo, quer mais.²⁰

Veríssima estética

Outras vezes, Verissimo foi um comentarista cultural, falando de livros, filmes, peças. Mesmo nesse tipo de crônica, o autor desdobrava o tipo de texto a ser apresentado. Em muitos, Verissimo escrevia como “ele mesmo” fazendo comentários que refletiam sua apreciação e sua opinião sobre algumas das obras citadas — aliás, com tantas coletâneas lançadas da obra de Verissimo explorando aspectos variados de seu trabalho, falta ainda uma que reúna uma espécie de “Verissimo estético”, com seus comentários agudos e com insights preciosos — embora não necessariamente críticos no latu sensu — sobre arte, ficção e a cultura. Basta ver um trecho de sua crônica sobre jazz e Charlie Parker, ambos objetos de sua admiração irrestrita:

O jazz moderno, principalmente, rejeita qualquer redução à pieguice literária. Os músicos que começaram o bebop queriam mostrar como eram melhores do que os outros e por isso inventaram um estilo que exigia destreza e sofisticação musical acima da média. No processo, inventaram a mais radicalmente nova forma de arte já feita na América, mas cuja novidade e beleza só eram autorreferenciáveis, não podiam ser comparadas a nada nem aproveitadas fora do seu meio.²¹

É um tipo de texto no qual por vezes flagramos Verissimo escrevendo coisas que poderiam ser escritas sobre ele próprio, como quando faz a análise de um dos livros de humor de Woody Allen lançados nos anos 1970:

Em *Cuca Fundida*, o primeiro livro de Woody Allen traduzido para o português (obrigado L&PM), todos os textos são paródias. *O Cara*, sabiamente escolhido como texto de abertura da edição em português — no original, se não me engano, era o último texto —, apresenta, combinadas, as técnicas favoritas de Allen, a paródia e a banalização do grande tema²².

Outro ponto peculiar da relação de Verissimo com a cultura é seu uso irrestrito do arquivo e de outras obras como motivo para seu trabalho. Suas crônicas que fazem uso desse recurso não abraçam a intertextualidade por mera ânsia metalinguística, mas para produzir o humor por um deslocamento de abordagem. Ao mesmo tempo, ciente de

²⁰ VERISSIMO. “Centrãoção”. In: Op. cit, 1997. p.44.

²¹ VERISSIMO. “Bird”. In: _____. *Verissimo antológico: meio século de crônicas ou coisa parecida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. p. 262

²² VERISSIMO. “Woody Allen e as lamúrias da existência”. In: Op. cit, 1995. p.95

seu papel como cronista para o grande público, Verissimo não vai em busca de referências por demais eruditas ou obscuras, mas apela a elementos que podem ser facilmente reconhecíveis por já serem patrimônio comum na cultura para várias camadas sociais.

É o caso, por exemplo, de seu texto “Do livro de anotações do dr. Stein”, estruturado como entradas em um diário de um cientista empenhado em criar uma criatura composta de partes de outros seres humanos. Embora Verissimo não use o nome integral da personagem, é clara a menção ao clássico *Frankenstein*, de Mary Shelley – uma personagem tão marcante no imaginário que, neste momento em que escrevo este ensaio, já inspirou não um, mas três filmes recentemente lançados: *Lisa Frankenstein* (2024), *Frankenstein* (2025) e *A noiva!* (2026). Já que se falou em cinema, parte importante da construção do humor do texto se dá por menções a um Frankenstein mais perto das adaptações cinematográficas da obra do que propriamente de sua versão literária:

30/1, sábado — Aproxima-se o grande dia. Sei que vou conseguir! Só me falta uma boa perna esquerda. Neste momento meu assistente Igor está arrombando o necrotério de onde trará a perna de que preciso para completar minha Criatura. Depois disso — o triunfo!

31/1, domingo — Igor trouxe um braço direito. Disse que estava escuro e ele estava com pressa de sair de lá. Sempre os mesmos miseráveis erros humanos. Mas quando minha Criatura estiver pronta e viva, não precisarei mais tolerar os erros dos outros. Igor será dispensado²³.

Outras referências se assentam sobre elementos ainda mais populares, como “O fato e as versões”, escrito pelo ponto de vista do garoto que “atira o pau no gato” na famosa canção infantil – ainda reproduzindo a repetição silábica que é tradicional nos versos do original.

Também a Bíblia e seu tom solene são elementos muito utilizados por Verissimo para a criação de seu humor, dado que mais de uma vez o escritor parafraseou a narrativa bíblica provocando a ruptura que provoca o riso seja pela reversão de expectativas seja pelos anacronismos deliberados. “Lançamento do Torre de Babel” narra a história da famosa torre bíblica como se fosse um empreendimento imobiliário megalomaniaco dos dias de hoje²⁴. “O quinto dia” narra o período de Carnaval como a criação do mundo pelo Diabo²⁵.

“Noé 2 ou o segundo arrependimento” é um texto no qual as primeiras linhas reproduzem com credibilidade os versos correspondentes do *Gênesis* bíblico para, a seguir, entregar que a narrativa em pauta não é a do Noé bíblico, mas uma ficção sobre

²³ VERISSIMO. Op. cit. p.33.

²⁴ VERISSIMO. “Lançamento do Torre de Babel”. In: Op.cit. 2020. p. 24-25.

²⁵ VERISSIMO. “O quinto dia”. In: Op. cit. 2020. p. 46-47.

um “segundo arrependimento” do Criador com suas criaturas, mas em alguma época remota do futuro.

E viu Deus a Terra, e eis que estava corrompida, porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a Terra.

Então disse Deus a Noé: o fim de toda a carne é vindo perante a minha face, porque a Terra está cheia de violência, e eis que os desfarei com a Terra.

E disse o Senhor: Destruirei de sobre a face da Terra o homem que criei, desde o homem até o animal, até o réptil, e até a ave dos céus, porque me arrependo de os haver feito.

E disse Deus a Noé: Faze para ti um foguete interplanetário. E entrarás no foguete, tu e os teus filhos, e a tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo²⁶.

Neste texto específico verifica-se a segurança de Verissimo como escritor no controle do ritmo, uma vez que a escrita segue o modelo bíblico de modo quase *ipsis litteris*, escolhendo o momento exato para se separar do original, não cedo demais para que a piada soe apressada, nem muito tarde para que a estranheza do texto não convencional ao esperado pelo humor de Verissimo faça o leitor se afastar para não voltar mais.

Também precisamos reforçar que esta nossa classificação ligeira não é estanque ou excludente. Permitindo-se a liberdade de escrever “o que sair”, como disse textualmente, Verissimo muitas vezes produziu obras que cruzam essas categorizações ou as amalgamam, sendo a premissa já um elemento de humor. Em “O caso Ló”, por exemplo, a narrativa é um pastiche de romance policial encontrado em um suposto manuscrito no Oriente Médio no qual um detetive ao modelo “durão” que Verissimo também satirizaria em Ed Mort é procurado pela mulher de Ló, o da Bíblia, para desvendar um mistério familiar envolvendo intrigas, o espólio de Abraão e a vontade do Senhor. O texto faz um cruzamento fino entre a cadência própria do texto bíblico e o ritmo ágil e sincopado do policial *noir*.

Eis que tenho uma tenda num beco de Gomorra. Em verdade vos digo que é apenas um buraco com espaço bastante para meu estilingue, minha recepcionista, Bese-bá, e um cântaro de vinho de segunda. Gomorra. Eu amo esta cidade suja. Nasci aqui e vou morrer aqui. Em breve, do jeito que vão as coisas. Mas estou me adiantando na minha história. Onde é que eu estava mesmo? Ah, Gomorra. Aqui você encontra todos os vícios conhecidos. E, se quiser inventar algum novo, nunca faltará gente disposta a experimentar. Se é uma cidade iníqua? Vêm iníquos da Babilônia fazer estágio. Só vou dizer uma coisa: é para cá que o pessoal de Sodoma vem nos sábados à noite²⁷.

Mestre da crônica

E claro, por vezes, Verissimo foi mais próximo da crônica tradicional. Em algumas delas, entregou-se a reminiscências de infância e juventude, em outras, fez,

²⁶ VERISSIMO. “Noé 2 ou o segundo arrependimento”. In: Op. cit. 2020. p.382-383.

²⁷ VERISSIMO. “O caso Ló”. In: Op. cit. p.210.

como se espera dos grandes cronistas, o registro em texto e verve de recortes peculiares da sociedade brasileira – mais especificamente a de uma determinada classe média, equilibrando-se em seu lugar social a muito custo. “Festa de aniversário”, por exemplo, é um *tableau* satírico do caos que reina uma festa de criança como as que se realizavam em muitas casas até a popularização recente, nos grandes centros, de “locais de festa” para locação.

Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta — tudo misturado com um cão latindo e balões estourando.

Uma boa festa de aniversário deve ter no mínimo vinte crianças, sendo uma de colo, que chora o tempo todo, uma maior do que as outras, chamada Eurico, que bate nas menores e acabará mordida pelo cachorro, para secreta satisfação de todos; e uma de rosto angelical, olhar límpido e vestido impecável, que conseguirá sentar em cima do bolo de chocolate. Esta deve se chamar Cândida²⁸.

Também conhecida na obra de Verissimo é a vertente de seus tipos e personagens característicos usados como espelhos distorcidos de aspectos da realidade brasileira e que se tornaram parte do imaginário nacional, como o Analista de Bagé, Dora Avante ou a Velhinha de Taubaté. A Velhinha, já mencionada, é a manifestação, pelo avesso, do desencanto popular com a política organizada, já que a cada novo absurdo, segue crente das boas intenções dos governantes. Dora Avante, pelo contrário, representa o alheamento de uma classe alta para quem as novidades estrangeiras e ascensão de um liberalismo radical só trouxeram benesses. E, claro, o grande achado de O Analista de Bagé é o cruzamento inusitado entre as sofisticadas interpretações da psicanálise freudiana e o estereótipo do “gaúcho grosso” associado ao elemento humano da metade Sul.

Em outras crônicas, Verissimo transformava seu espaço em jornal no que se poderia chamar de “caderneta pública”, divertindo-se em anotar ideias para histórias e narrativas sem o compromisso de terminá-las, fazendo do próprio suspense da ideia incompleta elemento de entretenimento e humor. O descompromisso com a finalização e com a verossimilhança necessários para uma história completa permitia a Verissimo obter humor mesmo que as “ideias” fossem para gêneros diversos, como na ideia para conto de horror”, “Sozinhos”, em que um casal de velhos descobre visitas sinistras em sua casa após a mulher gravar seu sono tentando provar que o marido ronca. Ou “Os quarenta”, pequena gema de história de mistério na qual um homem recebe um cartão com o número 26, indicando que foi incluído no seletivo grupo dos “40” sem bem saber o

²⁸ VERISSIMO. “Festa de aniversário”. In: Op. cit. p.42

que é. O homem até acha a ideia daquela exclusividade inesperada divertida, até se ver envolvido nas consequências.

Extrapolando os limites deste texto tão breve esgotar toda a tipologia dessas experimentações na vasta obra do autor, portanto preferimos essa abordagem ampla e não exaustiva dos tipos de crônicas que Verissimo escreveu ao longo de suas cinco décadas como um dos mais aclamados humoristas do Brasil. Fica aqui a sugestão a quem tiver a sanha classificatória (e, diríamos, ecoando um pouco Verissimo), a obsessão algo assustadora para ampliar esta peça em um trabalho de fôlego.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. “Fragmentos sobre a crônica”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1987. p. 6-9.
- BOENAVIDES, William Moreno. A materialidade da crônica: dialética da vida ao rés-do-chão. *Nau literária: crítica e teoria em literatura portuguesa*. v. 16, n. 2, 2019. p. 160-185.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-29
- COUTINHO, Afrânio. “Crônica”. In: _____. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa II*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *A versão dos afogados: novas comédias da vida pública: 347 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *Crônicas da vida pública: 366 crônicas datadas*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- VERISSIMO, Luis Fernando. “Os quarenta”. In: _____. *Comédias da vida privada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994. p. 178-179.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *Verissimo antológico: meio século de crônicas ou coisa parecida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

Carlos André Moreira é formado em Comunicação Social e tem mestrado em Letras, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua há 30 anos como jornalista cultural, tem contos publicados em várias antologias, entre elas *Ficção de polpa: Crime!* (Não Editora, 2011) e *O que resta das coisas* (Zouk, 2018), e é autor do romance *Tudo o que Fizemos* (Casa de Asterion, 2025). Mantém o blog de literatura Admirável Mundo Livro (<https://admiravelmundolivro.wordpress.com/>) e é colunista das

plataformas Sler
(<https://sler.com.br/colunistas/carlos-andre-moreira/>) e
Parêntese, do jornal online Matinal
(<https://www.matinal.org/author/carlos/>).

Artigo recebido em 22/03/2026.
23/03/2026.

Aprovado em